

A DINÂMICA DO TRABALHO INFORMAL NAS RUAS DE CAMPINA GRANDE – Pb¹

GRUPO 18 - REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA, TRABALHO E DOMINAÇÃO SOCIAL

Waltimar Batista Rodrigues Lula - (UEPB)

Jéssica de Carvalho Silva - (UEPB)

Este artigo descreve os dados de pesquisa realizada com trabalhadores informais da área central da cidade de Campina Grande-PB, com destaque para aqueles que trabalham na rua. Em meados da década de 90, o poder público municipal, observando a expansão do comércio informal, incluiu em seu projeto de revitalização a problemática dos trabalhadores informais. Mesmo com a revitalização, o trabalho informal voltou às ruas, e não encontrou dificuldades para sua expansão. Para análise e descrição dos dados foram utilizadas as medidas de tendência central e medidas de posição. A análise mostrou que o trabalho informal de rua é marcado pela precariedade, pela ausência de seguridade social, pelas longas e intensas jornadas, pelas condições inseguras das ruas.

Palavras-Chave: Trabalho informal de rua. Perfil do Trabalhador. Precariedade.

1. INTRODUÇÃO

Com a reestruturação produtiva que ocorreu nas últimas décadas vem se notando uma queda dos empregos oferecidos pelo setor formal, enquanto que aumenta cada vez mais o número de pessoas que trabalham na informalidade. Um dos fatores que tem contribuído para essa queda na qualidade de empregos oferecidos pelo setor formal é a substituição de trabalhadores com carteira assinada nas empresas, por trabalhadores temporários oferecidos por empresas prestadoras de serviços e isso faz com que as empresas diminuam os gastos com trabalhadores. Outro fator importante para o crescimento do trabalho informal é o desemprego.

O Brasil sempre sofreu deste mal, pois ainda é alto o número de brasileiros que estão fora do mercado de trabalho. Embora que nos últimos anos a taxa de desemprego esteja apresentando uma queda de aproximadamente 10%, segundo o Portal Brasil.

A Paraíba parece não seguir essa tendência nacional, gerou um saldo de 18,680 mil postos de empregos formais em 2012, mas menor 7,85%, quando comparado ao ano de 2011 (20.273), segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados do Ministério do Trabalho.

A configuração do mercado de trabalho tem como traço marcante a insegurança no trabalho, originada pelo número cada vez menor criação de oportunidades de trabalho formal. Essa situação de insegurança obriga os trabalhadores encontrar alternativa para permanecer economicamente ativo, e para muitos o trabalho informal é a saída.

O presente artigo tem como objetivo discutir as configurações do trabalho informal presente nas ruas centrais de Campina Grande- PB, de forma a identificar e analisar suas particularidades, tendo como objeto de estudo os trabalhadores, que desenvolvem atividade informal nas ruas.

A pesquisa de campo se deu em duas etapas. Inicialmente realizou-se uma pesquisa exploratória nas ruas do centro da cidade, esta etapa teve como objetivo identificar e apontar os espaços onde o tipo de atividade informal predomina.

¹ O presente artigo faz parte do projeto de pesquisa UEPB/PIBIC/CNPq, coordenado pela Profa. Dra. Waltimar Batista Rodrigues Lula.

Na segunda, para a obtenção dos dados, optou-se pela aplicação de 29 questionários com 30 questões fechadas. Para análise e descrição dos dados foram utilizadas as medidas de tendência central e medidas de posição (moda e média).

No primeiro momento será apresentada a formação histórica do processo de produção espacial do centro comercial da cidade de Campina Grande.

Em seguida traçará o perfil do trabalho informal que observa o comportamento e hábitos além de identificar os motivos para a situação de informalidade de rua. Por fim serão explanadas as conclusões obtidas através da produção desse trabalho.

2. PEQUENO HISTÓRICO DO TRABALHO INFORMAL EM CAMPINA GRANDE-PB

A cidade de Campina Grande, sempre foi considerada um pólo do comércio varejista, abastecendo cidades circunvizinhas. Nas últimas décadas, especialmente, a partir da década de 1970, se instalaram na cidade, novas modalidades de comércio e consumo inerentes às necessidades do capitalismo.

A criação de novas formas do comércio varejista capitalista, na cidade de Campina Grande – supermercados, hipermercados, grandes redes de lojas, *shopping centers* entre outras – revelam as novas tendências do comércio varejista da atualidade. Nesse contexto das inovações comerciais ocorridas no município, outras formas do comércio varejista cresceram em ritmo intenso, trata-se do comércio informal em ruas importantes da área central do comércio da cidade, representadas pelos camelôs (vendedores ambulantes). Segundo Cavalcanti (1983) que o crescimento do comércio informal é impulsionado principalmente pelo problema do desemprego, pois este setor representa fonte de emprego de última instância a um número elevado de homens e mulheres que não conseguem trabalho formal. Frente a esse desemprego criaram tipos de trabalhos informais, na qual de uma maneira autônoma comercializam produtos e serviços, como fonte de sobrevivência econômica.

Ricardo Antunes (Antunes, 1997: 41) menciona: “o mais brutal resultado das transformações no mundo do trabalho é a expansão, sem precedentes (...) do desemprego estrutural que atinge o mundo em escala global”.

O trabalho informal, há décadas, tem ganhando cada vez mais espaço no Brasil, pois sem ocupação fixa homens e mulheres podem comercializar mercadorias em vários espaços públicos, sem controle fiscal, e não é diferente em Campina Grande.

O crescimento destas atividades em Campina Grande, somado aos interesses do comércio formal (empresários lojistas), que “alegam serem prejudicados” com o comércio informal, levou o poder público municipal local, a incluir a problemática do comércio informal no projeto de políticas públicas, como por exemplo, o projeto de revitalização do centro da cidade.

Com o projeto de revitalização, foram criados novos espaços comerciais no Centro da cidade, como o “shopping dos Camelôs” (o Shopping Centro Edson Diniz – Imagem 1) para abrigar este tipo de atividade. Esta iniciativa do governo municipal resultou em transformações significativas no Centro da cidade, o qual passou por algumas reformas e mudanças, em decorrência da implantação do Projeto de revitalização.



Imagem 1. Shopping dos Camelôs

Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com/2009/11/o-calcadao-de-campina-grande.html>

A criação deste Shopping popular em Campina Grande (Shopping Edson Diniz) teve como objetivo principal retirar das ruas do centro da cidade os “camelôs”, além da tentativa de transformá-los em trabalhadores formais para contribuir com o aumento da arrecadação tributária Municipal.

No entanto, com a permanência e o crescimento do desemprego estrutural, pode-se observar a volta do comércio informal às ruas do centro de Campina Grande, verificando-se o avanço do comércio informal (trabalho informal – imagem 2) nos espaços antes ocupados pelos “antigos camelôs”.



Imagem 2: o trabalho informal volta à rua

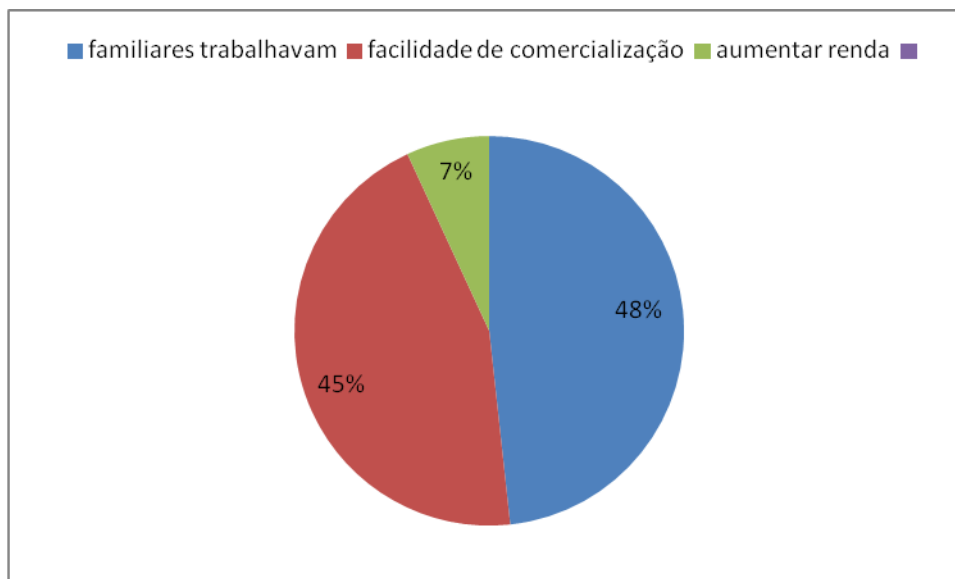
Fonte: Acervo Pessoal

3. O PERFIL DO TRABALHO INFORMAL DE RUA

Como já foi exposta, a taxa de trabalho formal na Paraíba não tem seguido a tendência nacional, para cada trabalhador formal existem outros três informais. Em Campina Grande são 52.473 trabalhadores na informalidade, enquanto que no setor formal tem 50.468 trabalhadores (IBGE, 2009).

Ao longo da história da cidade de Campina Grande há a presença marcante do mercado informal na produção do comércio dessa cidade, assim tal setor da economia não é apenas uma característica econômica, mas também uma questão social histórica, pode-se observar que o trabalho informal está “interiorizado”, uma vez que 48% ingressaram neste setor através da família, sendo uma atividade passada ao decorrer dos anos de pais para filhos. Além daqueles que estão no mercado informal através de sua família, há aqueles que ingressam por opção própria. Vejamos o gráfico abaixo:

Gráfico 1. Ingresso no trabalho informal



Fonte: Pesquisa Direta

A pesquisa comprova que nem todos os trabalhadores recorrem à informalidade para complementar a renda familiar, mas que a maioria absoluta sobrevive integralmente da atividade informal.

Nos últimos anos têm-se uma crise do desemprego estrutural e conjuntural afetando principalmente a população pobre. Segundo Ricardo Antunes (Antunes, 2009:229)

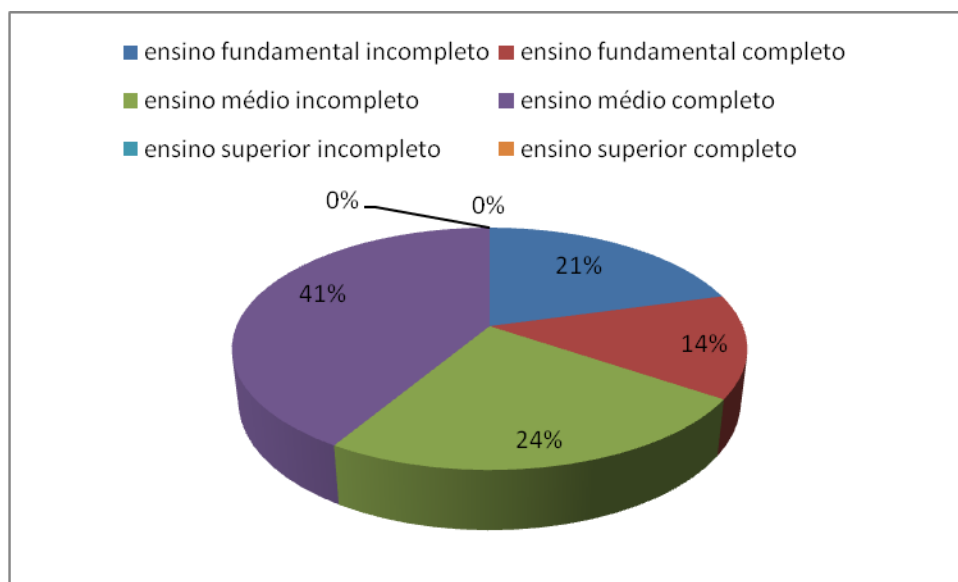
Há níveis explosivos, um processo de desemprego estrutural, que, se somado ao trabalho precarizado, part time, temporário etc., atinge cerca de um terço da força humana mundial.

Na nossa investigação, observa-se que os trabalhadores informais de rua estão no mercado informal porque não se inseriram no setor formal, e nunca tiveram alguma proteção social.

Gráfico 2: Trabalhou com carteira assinada

Fonte: Pesquisa Direta

Essa exclusão do mercado de trabalho formal acaba tornando o trabalho informal a válvula de escape para sair do desemprego e enfrentar os baixos salários, devido as facilidades que este setor oferece, como a isenção da carga tributária, ausência na maioria das vezes da regulação, não exige necessariamente mão de obra qualificada ou alto índice de escolaridade.

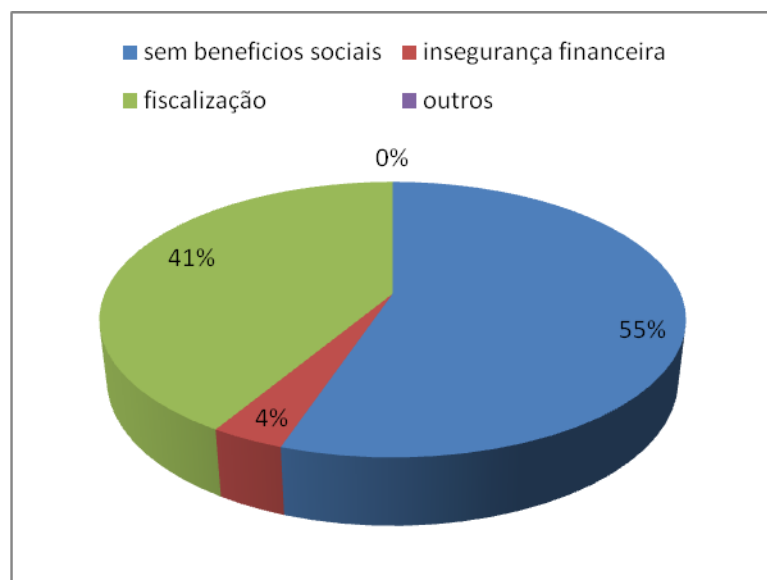
Gráfico 3 – Escolaridade

Fonte: Pesquisa Direta

Cacciamali afirma que uma das características do trabalho informal é a baixa qualificação, uma vez que os trabalhadores neste tipo de atividade têm dificuldades “de ingresso no mercado de trabalho, frequentemente, nessa última situação, poderão exercer trabalhos de baixa produtividade” (Cacciamali, 2000: 160).

O trabalho informal de rua é cercado por incertezas que vai além dos benefícios sociais, estar normalmente localizado em condições de incertezas e imprevisibilidade, marcado pela precariedade de suas formas e relações de trabalho – longas e intensas jornadas, condições insalubres de trabalho expostas a diversas situações das ruas, como assaltos, roubos, fiscalização, repressão, apreensão de mercadorias, sol, chuva, etc.

Gráfico 4 – Incertezas do trabalho informal



Fonte: Pesquisa Direta

As condições do trabalho informal de rua são mais vulneráveis, já que os órgãos de autuação mantêm uma política de perseguição e apreensão das mercadorias. O trabalhador de rua é muitas vezes indesejado e é obrigado a mudar o ponto de venda em função da fiscalização.

Outro fator relevante apresentado, e que confirma a condição de exclusão e precariedade deste tipo de atividade, é que uma parcela pequena dos trabalhadores informais demonstra preocupação em garantir uma aposentadoria no futuro, pois não pagam contribuição previdenciária por conta própria.

Gráfico 5 – Contribuição previdenciária



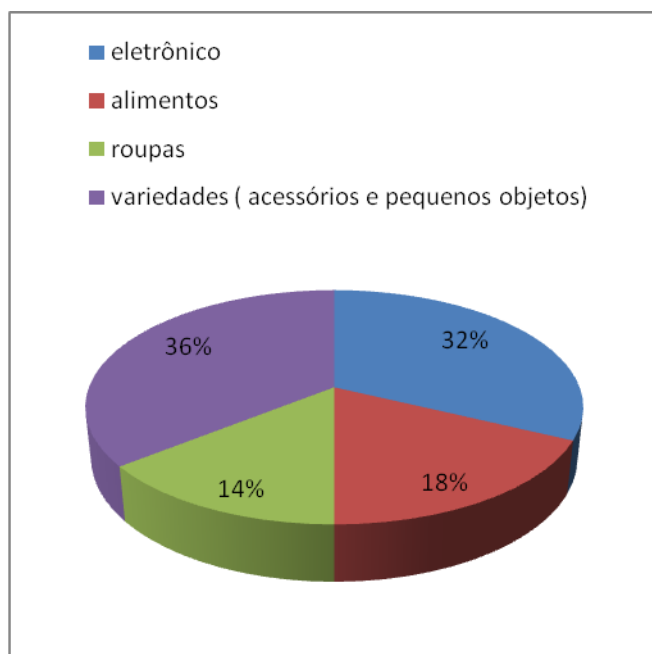
Fonte: Pesquisa Direta

Portanto, a exclusão dos programas de previdência social (em parte, oriundos do emprego formal) não é tão somente resultado de uma simples falha do funcionamento do mercado de trabalho formal, mas também das instituições sociais.

A geração de ocupações com baixa qualidade (atípica, irregular, parcial), que no padrão sistêmico de integração social estaria associado à exclusão relativa do modelo geral de emprego regular e de boa qualidade, surge como exemplo de incorporação economicamente possível. Dessa forma distanciam-se as possibilidades de estabelecimento de um patamar de cidadania desejada. (Pochmann, 1999: 21)

Cacciamali (2000:164) afirma “que alguns estratos informais têm vinculações com atividades que, além de submersas, são ilícitas à luz do código penal. Esse é o caso, por exemplo, da prostituição, da venda de produtos contrabandeados, das loterias clandestinas e da distribuição de drogas”. Os produtos mais comercializados entre os trabalhadores informais de rua são bens de menor valor agregado como roupas, alimentos, bijuterias e eletrônicos, e muitos são de natureza “ilícitas”.

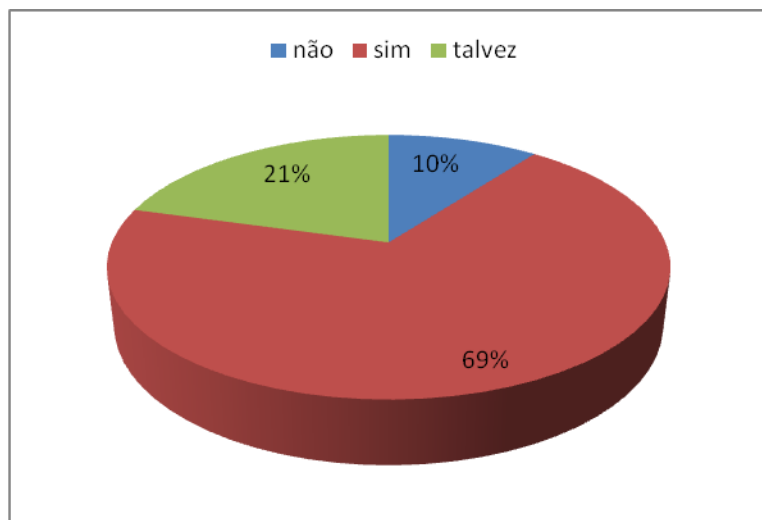
Gráfico 6 – Tipo de produtos comercializado



Fonte: pesquisa Direta

Então, toma-se pertinente apontar que o trabalho informal de rua não só descumpra a regulamentação do trabalho (não inscritos nos órgãos públicos de contribuição previdenciária), mas também, é fonte de práticas ilegais no mercado, especialmente nos países economicamente atrasados.

Gráfico 7 – Considera sua atividade ilegal



Fonte: Pesquisa Direta

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trabalhadores informais de rua acabam reproduzindo uma estratégia de sobrevivência, e é sem dúvida um dos motivos que esses trabalhadores utilizam para justificar sua permanência na rua.

Além da importância para sobrevivência dos trabalhadores informais de rua, o comércio informal atende as necessidades da população economicamente menos favorecida, que podem comprar mercadorias com menor valor agregado.

A partir desta pesquisa, foi possível observar que a produção do espaço urbano do centro da cidade é marcada pelo conflito travado por diferentes atores, principalmente entre o poder público e o trabalhador informal, pois é comum a apreensão das mercadorias dos vendedores pelos fiscais dos órgãos fiscalizadores.

O ingresso no trabalho informal não é apenas uma questão de escolha, mas também um meio de escapar do desemprego que assola a sociedade campinense.

Observamos um número expressivo de trabalhadores à margem das diferentes regulamentações do Estado, em condições de precariedade, de ausência de seguridade social, de longas e intensas jornadas, de condições de trabalho expostas a fiscalização, repressão, apreensão de mercadorias e intempéries do tempo. Afirmamos que os trabalhadores permanecem na rua, sem formalidade de trabalho, sem garantias e sem direitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Ricardo. Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho. São Paulo: Cortez, 1997

_____. Os sentidos do Trabalho – Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. . São Paulo: Boitempo, 2009.

CACCIAMALI, Maria Cristina. Globalização e processo de informalidade.

In: Economia e Sociedade, Campinas: Unicamp. I.E., n. 14, jun. 2000. p.152 –

174.

CAVALCANTI, C. Viabilidade do setor informal: a demanda de pequenos serviços no Grande Recife. 2ª ed. Recife: SUDENE, Ed. Massangana, 1983, 160p.

POCHMANN, Márcio. O trabalho sob o fogo cruzado: Exclusão, desemprego e precarização no final do século. São Paulo: contexto, 1999.